

Jérri Roberto Marin*

A MORTE NOS ERVAIS DE *SELVA TRÁGICA*, DE HERNÂNI DONATO

Resumo: O artigo analisa a morte e atitudes diante dela na obra *Selva Trágica*, de Hernâni Donato. A morte e os ritos funerários não eram uma cerimônia pública, não seguiam nenhum protocolo e nem tinham caráter dramático ou gestos de emoção excessivos. A morte representava uma ruptura, ao libertar o homem do mundo irracional, violento e cruel. Por ser frequente e sua presença sempre iminente, não era apavorante nem obsessiva. Era familiar, o destino de todos os homens, apesar de não ser desejável morrer nos ervais.

Palavras-chave: Selva Trágica. Hernâni Donato. Mate Laranjeira. Morte. Sensibilidades.

Abstract: This article analyzes death and attitudes toward it in *Selva Trágica* (Tragic Jungle), by Hernâni Donato. Death and mortuary rites were not public ceremonies, they didn't follow any protocol nor had dramatic character or excessive emotion gestures. Death represented a rupture, when freeing men from the irrational, violent and cruel world. Being frequent and an always imminent presence, death was neither frightening nor obsessive. It was familiar, the destiny of all men, in spite of not being desirable to die among the yerba maté trees.

Keywords Selva Trágica. Hernâni Donato. Mate Laranjeira. Death. Sensibilities.

Este artigo analisa a morte e atitudes diante da morte nos ervais de *Selva Trágica*, de Hernâni Donato. Os rituais, atitudes e gestos relacionados à morte e ao mundo sobrenatural estão ligados à organização do espaço simbólico entre os vivos e os mortos. Nos ervais, os intercâmbios interculturais e interétnicos possibilitaram, no campo religioso, os entrecruzamentos do catolicismo com as religiões indígenas. O objetivo do estudo foi estabelecer um possível diálogo entre a Literatura e a História, visto que a arte literária constitui um dos maiores acervos para os estudos das religiões e religiosidades.

* Doutor em História, Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Selva Trágica retrata a história de homens e mulheres que trabalhavam para a empresa estrangeira Mate Laranjeira, no sul do antigo Mato Grosso, mais precisamente no rancho Bonança. O conteúdo do romance é datado: passa-se entre o início do século XX e a década de 1930, quando Getúlio Vargas teria extirpado o monopólio da empresa. Donato, ao oferecer uma interpretação daquela realidade, resgata fatos, sensibilidades, sonhos, sentimentos, emoções, sociabilidades, valores, comportamentos, atitudes, fantasias, crenças, aspirações, vocábulos, papéis sociais e sexuais, relações entre os gêneros, festividades, entre outros aspectos da vida cotidiana dos ervais, os quais, se não fossem resgatados por essa narrativa, poderiam estar esquecidos ou perdidos.

A economia do sul do antigo Mato Grosso, após a guerra do Paraguai, estava ligada à pecuária, voltada para o abastecimento do mercado interno brasileiro, com a venda de gado para as fazendas de engorda em São Paulo e Minas Gerais, e à produção de erva-mate, atividade extrativa ligada ao mercado internacional, sobretudo o platino. A empresa Mate Laranjeira tinha o monopólio da extração dos ervais nativos, privilégio concedido pelos presidentes de Província, durante o Império, e, após a Proclamação da República, pelos governadores de Mato Grosso. A unidade de produção era a *mina*, área constituída por ervais (*ilex paraguayensis*) e um povoado, onde residiam administradores, funcionários, milícia da empresa e os trabalhadores. A economia ervateira atraía as mulheres, que trabalhavam nas casas de prostituição. Nas “bailantas” estavam as prostitutas mais jovens e caras, e nos “quilombos”, as mais velhas e baratas. À medida que se esgotavam os recursos naturais, novas “minas” deveriam ser encontradas, aspecto que provocava o deslocamento de toda a unidade de produção para outra área ainda inexplorada.

A economia ervateira, por ser uma atividade predatória e extensiva, exigia mão-de-obra numerosa e, devido ao alto índice de mortalidade, uma reposição constante. As relações de produção eram marcadas pelo endividamento e pela exploração dos trabalhadores (*ervateiros*¹ e funcionários, especializados ou não), que viviam da extração, do beneficiamento e do transporte da erva. Os *ervateiros* estavam na base da cadeia de exploração, sendo obrigados a adquirir os produtos para sua subsistência nos armazéns da empresa. Como os preços eram elevados, acrescidos dos juros pelo adiantamento, os trabalhadores mantinham-se presos às unidades de produção. A

empresa mantinha uma milícia armada para controlar, vigiar e reprimir seus trabalhadores e impedir suas fugas. Tais fugas eram punidas com perseguições e mortes e os corpos expostos como exemplo pedagógico aos demais. Os fugitivos que sobreviviam eram castigados de forma violenta, como meio de aterrorizar aqueles que planejavam subtrair-se às normas vigentes e à rígida disciplina de trabalho. O rigor, as humilhações, os castigos corporais e a violência simbólica demonstravam aos trabalhadores dos ervais seu novo estatuto subumano. As más condições de trabalho, de higiene, a rígida disciplina de trabalho, a periculosidade a que os ervateiros e demais trabalhadores estavam sujeitos traduziam-se em alto índice de mortalidade.

Nos ervais de *Selva Trágica*, o mundo recriava-se às avessas: os homens tornavam-se meio homens; apenas nas cidades, representadas como próximas à civilização, os homens viviam como homens (Donato, 1959, p. 140). Os ervais brasileiros seriam um inferno, e o paraíso encontrava-se no outro lado do rio Paraguai, a ser conquistado por meio da fuga. Os ervateiros, em sua maioria paraguaios, desejavam estar do outro lado do rio e da História.

Donato prioriza os aspectos díspares ao representar os ervais. As relações de poder que permeavam os ervais procediam do exterior, ou seja, da Argentina, e objetivavam o lucro, a manutenção da ordem e o aumento da produtividade. A exploração dos trabalhadores gerava os conflitos sociais presentes na trama. As leis da empresa favoreciam a exploração sexual das mulheres, a perseguição aos casais que se amavam e os desencontros amorosos. Homens e mulheres estariam subjugados pela Mate Laranjeira, pela natureza e pelo meio social, tornados quase impotentes para lutar contra o sistema que os oprimia. Assim, estariam impedidos de libertarem-se dos conflitos individuais e coletivos. Ali, para Donato, tudo conspirava contra o homem, e às personagens estavam reservados destinos amargos e incertos. São vidas marcadas por perdas, violências e pelo despedaçar dos sonhos, desejos e ambições.² Ou seja, o Autor empenha-se em demonstrar que a erva-mate não era colhida nos jardins (1959, p. 47).

Esse contexto histórico regional, nacional e internacional condiciona a trama e confere historicidade às ações e tensões entre as personagens, grupos e classes. Para Donato, a personagem principal do romance seria a erva, seguida pela terra, pelo tempo e sonhos, e, por fim, os homens “que fizeram a História”. As mulheres seguiam os

¹ Eram os trabalhadores dos ervais.

homens e, no mundo ermo e trágico dos ervais, foram as únicas que amaram e lamentaram as mortes deles.

O substantivo *selva* e o qualificativo *trágico* significam, respectivamente, lugar onde se luta duramente pela sobrevivência e acontecimento funesto, sinistro, que desperta lástima ou horror. Seria um outro *lócus*, ermo, às avessas, onde o ser humano é colocado à prova e que gera relações sociais desiguais e contraditórias, um mundo singular. Em suma, a área, controlada sob regime de monopólio pela Mate Laranjeira, era representada como uma selva brutal, infernal, isolada, um pesadelo no qual todos viviam e do qual desejavam libertar-se. Até os funcionários da empresa habitavam um purgatório revestido de inferno, ao padecer de doenças, vícios, aborrecimentos ou de solidão. Como a morte era frequente, configurava-se, para o autor, uma tragédia desumana, pois propiciava um acúmulo de capitais a estrangeiros. Os seres humanos eram colocados à prova, viviam às avessas em estado inabitual, deslocados dos sentidos federativos, sociais e políticos.

Hernâni Donato propôs-se a revelar um Brasil desconhecido, ocultado do grande público, e, no afã de reforçar a tragicidade da vida nos ervais mato-grossenses, registrou a ausência de padres, a inexistência de edifícios religiosos e o desamparo espiritual em que viviam as populações da fronteira com o Paraguai. Nos ervais, as manifestações religiosas não eram mediadas pela hierarquia eclesiástica, mas pelas leituras do catolicismo e das religiões indígenas realizadas pelos trabalhadores dos ervais. Assim, o mundo rural, atrasado, distante da civilização e do controle do Estado e das instituições a ele articulados, opunha-se ao urbano. Seriam mundos diferentes e antagônicos. Os ervateiros, por estarem fora do alcance da legitimação do Estado, da Justiça e da Igreja, ficavam submetidos às relações de poder que os tornavam desumanizados. A obra representa o sul do antigo Mato Grosso como uma região com fronteiras geográficas imprecisas, culturalmente heterogênea e controlada por uma empresa estrangeira, na qual as presenças do Estado e da Igreja ficavam diluídas. Nesse contexto, constatava-se uma ausência de brasilidade, ou do que seria genuinamente nacional.

No prefácio da obra, Donato prepara a recepção e a crítica ao criar um leitor ideal. *Selva Trágica* retrataria a verdadeira e definitiva história dos ervais e da fronteira do Brasil com o Paraguai. Os “segredos” ocultos da história da região teriam sido

² Apesar disso, todas as personagens procuravam sobreviver e superar os descaminhos do mate, sem perder a esperança de conquistar uma vida nova.

desvelados a Donato por moradores da região, ex-ervateiros e por mineiros fugitivos (1959, p. 240).³ Ele faz uma menção especial ao “Enio ‘Gato Preto’ Martins, ao Galdino Agostini, ao Carlos Freire que, entre muitos,” teriam revelado os “segredos” e a história do “mundo” do mate (1959, p. 7-10). No prefácio da obra, foram transcritos fragmentos da obra de Antônio Bacilla, *O Drama do Mate*, da carta de Hernadarias ao rei da Espanha e um depoimento oral de Antônio Cardozo, mineiro fugitivo, coletado pelo autor. Ele narra a difícil vida nos ervais e uma dramática tentativa de fuga. Cardozo afirma que eram obrigados a trabalhar do amanhecer até a noite e impedidos de voltar ao acampamento enquanto não coletassem várias arrobas de erva-mate. A fuga fora planejada por vários mineiros, que, à meia noite, saíram levando alguns alimentos que haviam preparado. Ao atravessarem o deserto de Resurrección, que não conheciam bem, ficaram amedrontados. Os comitiveiros, polícia armada particular da Mate Laranjeira, os alcançaram e os prenderam. A penalidade era a morte, porém não os mataram por uma causalidade: “hoy no es día de morir”. Ao retornarem ao rancho, foram recebidos pelo administrador Segismundo Gallardo, indivíduo aterrorizador, que andava armado com revólver, balas e faca (1959, p. 9).

Donato afirma, na introdução, que a “selva de que tratamos neste livro era de fato trágica” e, como reforço de autoridade, faz uma série de citações, entre elas a acusação de Rafael Barrett, que denuncia a escravidão nos ervais paraguaios e brasileiros, com o consentimento do Estado. O texto apresenta dados estatísticos sobre o elevado índice de mortalidade dos trabalhadores na região ervateira, fator que gerou uma depopulação na fronteira do Brasil com o Paraguai:

Los departamentos de yerbales Igatimi, San Estanislao, se han convertido en cementerios. Treinta años de explotación han exterminado la virilidad paraguaya entre el Tebicuary Sud y el Paraná. Tacurupucú ha sido despoblado ocho veces por la Industrial. Casi todos los peones que han trabajado en el Alto Paraná de 1890 a 1900 han muerto. De 330 hombres sacados de Villarica em 1900 para los yerbales de Tormenta en el Brasil, no volvieron más que 20. (1959, p. 10).

Para Barrett, a economia ervateira estaria assentada na escravidão, no tormento e no assassinato de milhares de homens, sobretudo de jovens, tanto no Brasil como no Paraguai. O intenso ritmo de trabalho e os riscos a que estariam submetidos os

³ Mineiro é o trabalhador da erva, aquele que lida com a mina.

ervateiros elevavam o número dos mortos. Os ervais localizavam-se distantes dos acampamentos, o que dificultava o transporte do *raído*. Caso o ervateiro pisasse incorretamente, poderia lesionar a coluna, tornando-se tetraplégico ou indo a óbito. A colheita das folhas implicava riscos, pois poderia cair e ferir-se nos galhos ou com a queda. Havia, ainda, as doenças transmitidas por insetos e as picadas de cobras, pois não contavam com recursos médicos. O *uru*, responsável pela desidratação das folhas, tinha sua vida abreviada pelas doenças respiratórias. Outro fator que elevava os índices de mortalidade eram as doenças relacionadas ao alcoolismo, a sífilis e a subnutrição. Os pagamentos, quando existiam, eram irrisórios e muitos não tinham o que comer. Outros recebiam como remuneração apenas comida, em uma dieta controlada e de baixo valor calórico. A maioria das crianças morria antes de completar um ano, devido à desnutrição, à má higiene e a acidentes. Muitos ervateiros não tinham casa, e viviam acampados em locais improvisados ou embaixo de árvores. O endividamento, a baixa expectativa de vida e a impossibilidade de fugir dos ervais tornavam elevados os suicídios.

Segundo Barret, desde a Guerra do Paraguai, teriam sido aniquilados entre trinta e quarenta mil homens paraguaios. Como decorrência, a maioria das estradas estaria repleta de cruces, em geral indicando o local de sepultamento de indivíduos jovens. Inúmeras cruces eram anônimas, aspecto que as relacionava com chacinas de fugitivos dos ervais. Muitos mortos não eram enterrados e outros não recebiam nenhuma identificação (Barret, 1988, p. 5-22). Enfim, as más condições de vida e de trabalho tornavam os óbitos um fato comum.

No prefácio de *Selva Trágica*, também foram transcritos fragmentos da obra de Antônio Bacilla, *O Drama do Mate*, que denuncia a miséria dos ervateiros e a “tirania” com que eram tratados pelos administradores das ranchadas. Seriam “pobres diabos”, “simples bugres, pelados”, “vítimas de tôda essa calamidade”, “[eternos] [burros] de [cargas] que [apanham] e não [gritam]” e “despojados de sus tierras” (Bacilla, 1940, p. 34-35; 36; 112). O objetivo de Bacilla era organizar a produção de erva-mate de forma mais racional, a fim de melhorar a produtividade e a qualidade e, dessa forma, aumentar as exortações brasileiras.

Donato também cita uma carta de Hernandarias ao rei da Espanha, na qual o governador faz uma denúncia da apropriação das terras indígenas pelos espanhóis nas regiões onde se localizavam grandes quantidades de árvores da espécie *ilex*

paraguayensis. Os indígenas eram obrigados a cortar, transportar por caminhos intransitáveis e a beneficiar a erva-mate. Segundo Hernandarias, eles eram tratados com a maior tirania (1959, p. 9).

As denúncias de Barrett, Bacilla, Cardozo, Hernandarias e as demais fontes coletadas por Donato serviram de inspiração para a elaboração de *Selva Trágica*. Donato preocupa-se com a pesquisa em arquivos, com a investigação historiográfica, e utiliza uma multiplicidade de fontes. Ao priorizar o trágico, construiu uma representação negativa dos ervais, “um inferno revestido de paraíso”, uma “selva” que “era de fato trágica”. Os editores, por sua vez, reforçam o sentido já impresso por Donato. Para eles, a obra apresentava o “passado recente” do Brasil, que teria sido “uma vergonha que abalou a nação”, tornando *Selva Trágica* um “repositório de novidades”, ou seja, ela revelaria ao leitor um Brasil que desconhecia a si próprio. Seu objetivo era que esses acontecimentos passados sobrevivessem na memória dos brasileiros e, graças a ela, evitar que caíssem no esquecimento e se reproduzisse o passado.

Donato recria e reinventa a história dos ervais no fazer poético a partir do que viu, vivenciou, ouviu e registrou, ou seja, de relatos de fatos que não presenciou, das vivências de homens e mulheres que conheceu, de leituras e pesquisas que realizou, da bagagem cultural que adquiriu nas viagens pelas terras mato-grossenses, da sua experiência como dono de um erval e de contatos que manteve com outros proprietários de vários ervais no Brasil e no Paraguai.⁴ A partir das pesquisas, do seu testemunho e de fatos verdadeiros reinventa a realidade, ficcionalizando-a. Pessoas reais, que conheceu, tornam-se personagens ficcionais. Assim, a pesquisa bibliográfica e a utilização de fontes diversas somam-se à sua sensibilidade em sorver a cultura local, ao testemunho do autor, seu conhecimento sociológico e às experiências pessoais. Esses aspectos mesclam-se e complementam-se na criação do processo artístico.

Na ilustração da capa de *Selva Trágica*, de autoria de Walter Levy, os ervais são apresentados em sua diversidade. A maioria das atividades da produção da erva-mate está ali representada. A natureza mato-grossense é retratada em sua exuberância e diversidade. Os ervateiros ocupam-se nas diferentes etapas do processo produtivo, desde a poda dos galhos e folhas das *ilex paraguayensis*, a primeira queima das folhas e, em destaque, o transporte do *raído* e a torrefação das folhas no *barbaquá*. Uma carreta

⁴ O erval de sua propriedade localizava-se próximo ao rio Paraná. Os pais de sua esposa também eram proprietários de ervais no Paraná.

paraguaia e as personagens Flora e Pablito compõem a cena. As inúmeras cruces, que denunciam as mortes, por variadas motivações, assombram pela quantidade numérica. Assim, Levy reforça o sentido já impresso pelo autor, de que a erva-mate teria gerado fortunas a capitais estrangeiros e que esses lucros teriam sido alcançados por meio das “ossadas de milhares de homens” que teriam sido “sacrificados metódicamente” (1959, p. 9).

Nas representações dos ervais mato-grossenses de *Selva Trágica*, o elevado índice de mortalidade criou uma intensa familiaridade com a morte, e as atitudes diante dela revelam a ausência de medo, rancor, tristeza, dor e desespero. A resignação dos indivíduos diante da vida nos ervais e as incertezas quanto ao futuro reforçavam a crença da morte como destino de todos os homens e a confiança na continuidade da vida além da morte. A perda de um ente querido ou de uma pessoa conhecida não era vivenciada como uma separação inadmissível e nem era inominável.

A morte representava uma ruptura, ao libertar o homem do mundo irracional, violento e cruel. Todos eram mortais e podiam morrer a qualquer momento e todos sentiam a morte próxima. Por ser frequente e sua presença sempre iminente, não era apavorante nem obsessiva. Era familiar, um destino de todos os homens, apesar de não ser desejável morrer nos ervais. Ali, morrer era uma recompensa e não algo lúgubre. Os sobreviventes aceitavam a morte do outro e não temiam a própria morte.

Donato, por exemplo, retratou a má sorte de um mineiro jovem e inexperiente que, ao carregar um *raído* de cento e cinquenta quilos, falseara o pé e partira a coluna vertebral. Após agonizar durante horas, seu cunhado implorou a Curê, administrador do rancho Bonança, que, por caridade, o matasse. Era costume atirar no moribundo, para abreviar seu sofrimento caso a morte tardasse a chegar. No mundo dos ervais, os familiares do acidentado tinham de trabalhar e não poderiam dispensar seu tempo cuidando de um tetraplégico. Por outro lado, não dispunham de recursos para sustentar um indivíduo improdutivo. Ou seja, matá-lo resolveria um problema de difícil solução e permitiria o descanso eterno. Para Curê, que administrava o rancho, a situação era vivenciada como um aborrecimento, diante da escassez de mão-de-obra. O executor foi escolhido num jogo: aquele que pegasse a carta do baralho com o menor valor. O serviço recaiu sobre um ajudante que foi acompanhado pelo cunhado, pois sua esposa recomendara que fechasse os olhos e rezasse. Familiares e amigos bebiam e rezavam enquanto aguardavam o “tiro de graça”: por ser um homem bom, seu anjo da guarda,

que era seu protetor, deveria conduzi-lo para o colo da Virgem, mãe de todos os homens, para glória de Jesus Cristo, pai de todos os homens. Após ouvirem o tiro, disseram “amém”, beijaram a unha do polegar direito, fizeram rodar a garrafa de água ardente e, de cabeça descoberta, foram buscar o corpo para enterrá-lo (1959, p. 28).

Nos ervais de *Selva Trágica*, a morte tornou-se desprovida dos sentimentalismos, do transbordamento de afetividades, dos excessos emotivos, do luto excessivo e da dor insuportável. O velório, quando ocorria, não tinha carpideiras, nem lamentações; o luto

terminava com o enterro e não se traduzia por uma indumentária, hábitos ou demonstrações públicas de dor. Esse esvaziamento não se devia a uma indiferença em relação à morte e aos mortos, mas às imposições da Mate Laranjeira, que desumanizavam os homens e os embruteciam.

As atitudes diante da morte restringiam-se a uma oração, a comentários sobre a bravura e honradez do falecido, ao atendimento de um pedido do moribundo e ao ato de venerar o morto com as gestualidades de retirar o chapéu, de não permanecer diante do falecido com o corpo desnudo e de manter o silêncio. Subentendem-se, nesse caso, como manifestações de respeito diante da morte. Por outro lado, havia alguns rituais funerários que preparavam e garantiam a entrada do morto na outra vida. Não havia cerimônias públicas organizadas, exceto quando o falecido pertencia a uma família nuclear, e nem absolvição sacramental.

A breve cerimônia de adeus legitima sua ausência física. O luto é superado após a morte, com o enterro e com o *curusu-paño*, lenço que faz uma alusão ao sudário, colocado nas santas cruzes de veneração e nas cruzes que identificavam o túmulo (1959, p. 239). Não havia o costume de ofertar velas e flores para os mortos, apenas o *curusu-paño*. Esses poderiam ser feitos de crochê ou tecidos variados e eram colocados na cruz, dando-lhe a volta e cruzando-se na frente, onde era preso com laços, broches, flores, fitas ou sem enfeite algum. De acordo com a cor, tamanho e detalhes que continha era possível identificar o gênero, idade e a causa da morte. Segundo os ervateiros, o *curusu-paño* era uma referência ao santo sudário de Jesus Cristo, à sua morte e ressurreição. Seria também um meio de homenagear os mortos, de manter viva sua lembrança, confortando os vivos e prestando uma homenagem aos falecidos, que não eram esquecidos pelos vivos. Estabelecia, dessa forma, que os vivos tinham obrigações previamente estabelecidas com relação aos mortos. Eles deveriam ser substituídos

periodicamente, porém a mudança constante dos ranchos para outros locais impedia que essa tradição fosse mantida.

Em geral, as cruzeiras cravadas nos caminhos eram testemunhas silenciosas de mortes violentas provocadas pelos comitiveros. Um dos funcionários do rancho Bonança confessa à personagem Flora que conhecia várias maneiras de matar, pois tinha matado muitas pessoas a mando da Mãe Laranjeira (1959, p. 130).

Os ervateiros tinham a percepção da mortalidade e acreditavam na imortalidade, ou seja, a dissolução física não implicava o fim da existência. Os mundos dos vivos e dos mortos estabeleciam uma continuidade, pois todos acreditavam sinceramente que eles, os mortos, continuavam a fazer parte do mundo terreno. No destino póstumo e individual, ocorria o Juízo Final, no qual os homens eram julgados pelo cômputo das boas ou más ações e que se prolongava até a eternidade infinita. Após a morte, os homens poderiam despertar no inferno ou no paraíso celestial; neste caso, desde que, na vida presente, tivessem recebido os sacramentos, respeitado as leis divinas ou obtido o perdão pelas faltas cometidas. Outros estariam condenados a vagar pelas trevas, abandonados ao não-ser. O purgatório, como um espaço imaginário do além transitório, de expiação e castigo até alcançar a paz eterna, não existia como destino póstumo. A maioria das personagens acreditava que a decisão já estava tomada, que seriam condenados ao inferno. Assim, não haveria a luta cósmica entre o bem e o mal para disputar a posse do moribundo nos momentos finais.

A imagem que os trabalhadores tinham de Jesus Cristo e de Deus apresentava atributos positivos: bons, porque ambos possibilitavam o perdão dos pecados e omissões; ainda, ofereciam a salvação das almas e o compadecimento dos sofrimentos humanos. Por outro lado, estava a configuração do Diabo, “o rabudo-de-chifre”, sempre à espreita, pois ele poderia reivindicar a posse das almas, e, desse modo, ocupava-se em dificultar as decisões e a sorte sobre os homens (1959, p. 123, 72, 79). Para se protegerem, os ervateiros invocavam a proteção de Deus, de Nossa Senhora, de Jesus Cristo, dos santos e dos anjos por meio de orações, palavras, gestos e ações, como cuspir no chão, derramar cachaça no chão, entre outras.

Os ritos funerários eram breves, pois não deveriam interferir no ritmo de trabalho, na produção da erva-mate ou no descanso dos trabalhadores. As formalidades e as cerimônias que marcavam a partida eram rápidas, discretas, sem emoção, e todas as manifestações de luto eram abolidas. A aparência de tristeza restringia-se ao círculo

familiar ou às pessoas muito próximas, pois os demais não tinham forças ou paciência para uma ação dramática diante da morte. Esvaziada de sentido, não havia razão para velar o falecido, cultuar sua memória com celebrações fúnebres ou venerar seu túmulo.

Apenas no enterro de uma adolescente houve um velório organizado pela família, ao qual compareceram alguns amigos e conhecidos. A emoção, o choro, a dor apaixonada, a tristeza, a intolerância da separação e as lembranças eram substituídas pelo compromisso em agradar a assistência. As bebidas, a comida, a música e a dança davam a cadência ao evento festivo. O corpo, cercado de velas, tornava-se secundário e pouco comovente, exceto para os familiares que deveriam administrar a perda. Durante o baile, a escassez de mulheres tornava a mãe da falecida a mais desejada pelos homens para dançar (1959, p. 105). O velório, como uma reunião festiva e religiosa, banuiu a tristeza e o luto. Assim, Donato descreveu o velório como uma invenção inédita, resultado das condições desumanas e trágicas dos ervais mato-grossenses.

Organizar um velório implicava em custos elevados para os ervateiros, com os quais nem todos podiam arcar, devido ao endividamento constante e ao alto custo de vida. Todos os produtos deveriam ser adquiridos na venda controlada pela administração do rancho, que os revendia com preços exorbitantes.

Em toda a trama, não há descrição da forma como ocorriam os enterros, e se havia ou não um campo santo onde os corpos eram sepultados. Parecia prevalecer a indiferença em relação aos corpos, pois predominava o anonimato das sepulturas. A localização exata da sepultura tinha pouca importância, apesar de haver, algumas vezes, a preocupação em indicar a localização com uma cruz. A única identificação era o *curusu-paño*, que, como já visto, deveria ser trocado com frequência. A cruz e o *curusu-paño* conservavam temporariamente a identidade do túmulo e eram formas de expressão religiosa. As sepulturas, com o esgotamento dos recursos naturais (*ilex paraguayensis*) e com a transferência da localização do rancho para outro local, nem sempre próximo, eram abandonadas sem que sua perpetuidade estivesse assegurada, assim como os contatos com os familiares e conhecidos.⁵ O relativo desinteresse para com os túmulos e o desapego aos restos mortais revelam a aceitação do desaparecimento de um ente querido. A maioria dos mortos não tinha ninguém para zelar por seu túmulo, para lembrar sua história e para rezar por sua alma. Após o enterro, não havia

peregrinações aos cemitérios, devoção aos mortos nem veneração aos túmulos. A maioria dos mortos, por estar desprovida de um lugar de memória, ficava relegada ao anonimato e quase sempre ao esquecimento. Essa falta de sensibilidade religiosa diluía-se pelo fato de que, nos ervais de *Selva Trágica*, cada um tinha de tomar conta de si. Porém, existiam ervateiros que cultivavam na memória “seus mortos”, pelos quais demonstravam uma profunda reverência. A preocupação em marcar o local do sepultamento com cruzeiros, de confeccionar o *curusu-paño* e de renová-lo permanentemente ou por um curto período de tempo denuncia essa sensibilidade com relação aos entes queridos.

Os corpos dos fugitivos, quando capturados e mortos, eram expostos em locais estratégicos para se decomporem, servindo de lição aos outros, uma espécie de lei pedagógica para os demais trabalhadores; por isso ficavam à mercê dos animais, das aves e intempéries. Nesse sentido, a Mate Laranjeira pretendia mobilizar o imaginário dos ervateiros a seu favor, ao fazer com que aceitassem suas leis e as condições de trabalho impostas, sem resistir. Se fugissem e fossem capturados e mortos, estariam condenados a vagar eternamente, sem descanso.

Na moralidade dos ervateiros, o corpo insepulto e a putrefação exposta eram condenados. Quando ocorriam, devia-se ao cumprimento das leis impostas pela Mate Laranjeira pelos comitiveros. A sepultura e o enterro dos cadáveres eram valorizados como meio de familiarizar e de civilizar a morte, de conquistar a imortalidade; era condição para que seus espíritos desfrutassem do paraíso. Os cadáveres e as almas dos falecidos não despertavam nenhum incômodo ou temor nos vivos, pois não havia nenhum tabu, como, por exemplo, de que pudessem gerar doenças e infectar os que entrassem em contato, e não eram vistos como infortúnio.

As almas dos corpos fadados a se decompor ao ar livre e a ser devorados por animais ou aves estavam condenadas a vagar eternamente sem repouso. No além-túmulo, seu tormento poderia ser amenizado pela intervenção divina, pois cabia aos anjos, sobretudo aqueles de Guarda, pegar essas almas em suas mãos e levá-las a Nossa Senhora ou a Jesus Cristo. Nossa Senhora, tida como mãe zelosa, acolhê-las-ia no colo e as consolaria. Quando levadas a Jesus, repousariam em suas mãos, ou em seus braços, já que Nossa Senhora era a mãe de todos os homens e Jesus Cristo o pai (1959, p. 28).

⁵ A unidade de produção era a “ranchada” ou *mina*, área constituída por ervais e um povoado, onde residiam administradores, funcionários, milícia da empresa e os trabalhadores,

Outros espíritos, ao contrário, continuariam a vagar sem serem resgatados, como os dos homens que haviam morrido de sede. Apesar disso, essa presentificação dos mortos na comunidade dos vivos não despertava sentimentos de medo e de pânico (1959, p. 215). Ou seja, acreditava-se na onipresença dos mortos no cotidiano dos vivos. Porém, esses espíritos não ofereciam perigo e cabia aos vivos amenizar seu sofrimento, reconfortando-os. Era costume corrente, ao beber, derramar um pouco do líquido no chão, para amenizar seu sofrimento. Essa punição, de perambular sem repouso, não existe no catolicismo, mas nas religiões do encantamento, onde o morto torna-se mágico e pode permanecer no mundo de formas variadas. Em *Selva Trágica*, vagavam eternamente os espíritos dos homens pecadores, dos que não tinham sido enterrados e daqueles que haviam morrido de sede. Apesar disso, esses espíritos não eram representados como se estivessem insatisfeitos com sua condição e estivessem empenhados em prejudicar ou interferir nas vidas dos vivos, seja para o bem ou para o mal. Essa crença justifica-se pelo fato de que não havia nenhum temor com relação às almas, as quais não ofereciam perigo, nem medo da morte.

As leis da Mate Laranjeira não permitiam que os fugitivos fossem enterrados, condenando-os a vagar eternamente. Entre os fugitivos, apenas um teve o privilégio de ser enterrado. Pablito e Flora fugiram e foram perseguidos, pois fugir não tinha perdão nos códigos dos ervais. Flora foi recapturada, e Pablito assassinado. Casemiro, seu amigo, perseguidor e executor, desejou que seu Anjo da Guarda estivesse por perto para resgatá-lo. Diante do corpo, ressaltou sua coragem e valentia por morrer pela mulher de sua escolha. Essas qualidades justificaram seu enterro e uma breve oração:

– Santo Anjo do Senhor, ó zeloso guardador...
Os outros seguiram conforme o aprendido na igreja da infância:
–...nas mãos tomai e nas de Jesus pousai as almas que andam por aqui.
Amém! (1959, p. 198).

Quando enfermos, restava apenas esperar a morte, que nunca tardava e era súbita. Nenhuma personagem jazia no leito, uma vez que a morte os surpreendia nos momentos mais inesperados, e poucos eram advertidos por sinais de que o fim se aproximava. Nos ervais de *Selva Trágica*, não havia o porquê dos moribundos prepararem-se para os instantes finais nem para os cerimoniais tradicionais: não possuíam bens para legar, e dos familiares, a maioria das personagens não tinha

notícias. Por outro lado, ninguém se vangloriava por estar vivo. Todos estavam familiarizados com a morte e a aceitavam, pois era vivenciada como um alívio, ao encerrar um ciclo de sofrimentos e dores. Por viverem nos limites, estar vivo ou morto era demarcado por linhas muito tênues. Os fugitivos preferiam morrer a serem capturados. Todos admitiam e aceitavam a morte de forma serena, ativa e aguardavam. No momento de prestar contas, acreditavam que seriam condenados ao horrível inferno e imploravam para que Deus os perdoasse pelos descaminhos e desencontros gerados pela erva-mate. Os ervateiros afirmavam que a empresa Mate Laranjeira controlava tudo no “país da erva”, inclusive o governo e a polícia, e não mandava, ainda, nas “coisas de Deus” (1959, p. 46, 115). Assim, a Mate impunha as suas leis por meio de uma rígida disciplina de trabalho, que resultariam num morticínio.

Em vários momentos da trama, encontramos lamentos tocantes. O comitiveiro Bopi, um ancião, fora surpreendido pela morte e agonizava. Nos momentos finais, foi assistido por Pablito, que passou a relembrar suas “coisas, glórias, vergonhas mesmo porque o Bopi não ouvia”. Após, começou a descrever o que um velho padre lhe ensinara nas aulas de catecismo: as verdades sobre o “outro mundo”, pois achou importante que ele soubesse que lá tudo era belo e nada tinha de feio. Pablito, ao avistar Zola, a chamou para auxiliá-lo. Ela constata que Bopi não teria muito tempo de vida e lastima seu destino. Após sentar-se, apoia a cabeça de Bopi nos seus joelhos e solicita que Pablito comunique aos demais sua morte iminente. Pablito, hesitante, não obedece e Zola o repreende: “Deixe o Bopi comigo. Ninguém melhor que mulher pra ajudar um homem a morrer.” Estar com uma mulher nesse momento derradeiro era a morte mais desejada pelos homens. Zola acariciou os cabelos e a face do moribundo e preocupou-se em fechar seus olhos após o último suspiro. Não foi o primeiro nem o último que ela teve de acompanhar nos momentos finais (1959, p. 125-126).

A seguir, chegaram as mulheres, porque os homens estavam trabalhando. Ao se aproximarem do falecido, olhavam-no e, em sinal de respeito, enrolavam-se no xale para não deixar o corpo à mostra. Em seguida, passaram a falar de tudo que sabiam a respeito dele, tecendo elogios, espécie de orações fúnebres em sua homenagem. Ninguém tocou no corpo até a chegada dos capatazes, que reviraram o corpo em busca de um revólver que se encontrava com Bopi e que não havia sido devolvido após a monteada. Os ervateiros, após chegarem, se agruparam ao lado das mulheres e passaram a falar tudo o que sabiam de bom a respeito do falecido. Como os administradores

demoravam em decidir sobre o enterro, todos se irritaram, pois estavam cansados e doloridos e “não podiam empregar o seu tempo de descanso cuidando de um morto! Continuavam vivos e havia um resto de mina para cortar, o que exigia estivessem descansados pela manhã. Para Bopi terminara tudo.” (1959, p. 127). Ele teria toda a eternidade para descansar, deitado com o rosto voltado para o céu e ninguém iria impor um ritmo de trabalho para produzir mais em menos tempo.

Essa liturgia pública, sem exéquias, deveria ser breve e discreta, pois o tempo regulamentar do falecido tinha acabado e os vivos precisavam administrar o seu tempo. Zola, que tinha se retirado para longe do corpo, aguardou até que todos dissessem o que conheciam de agradável acerca de Bopi e, triste, retirou-se do local. Os mineiros também se retiraram, pois cabia à administração do rancho Bonança enterrar o corpo. Posteriormente, Zola avistou os mineiros carregando o corpo. Em sinal de respeito, aguardou que passassem com o corpo enquanto ocultava os ombros desnudos com as mãos. À moda de homenagem lembrou tudo o que sabia de bom a respeito dele. Ele levava consigo, “para o lugar do nunca mais”, as mais bonitas e belas histórias dos ervais, assim como “os nomes de muitos homens, as histórias de muitas malfetorias feitas por amor ao dinheiro que a Companhia pagava” (1959, p. 129).

Em outro momento da trama, ocorre a morte do *uru* Curãturã. Zola, “mulher de muitas histórias”, amava-o, e ele a presenteava com objetos baratos e insuficientes para manter uma relação com mulher de bailanta (1959, p. 216).⁶ Porém, seu jeito triste fez com ela se acostumasse e foi o único homem dos ervais com quem desejou ter filhos e, sobretudo, conviver na velhice (1959, p. 75,155). Assim, Curãturã a acompanhou por longos anos bons e ruins. O *uru*, devido à função insalubre que exercia no *barbaquá*, falece precocemente. A atividade especializada de torrar a erva-mate exigia que eles permanecessem em contato com o fogo e com a fumaça. A poluição e os choques térmicos causavam doenças respiratórias, que abreviavam sua vida. Esse era o destino dos urus, todos morriam jovens. Seu aprendiz Aguará e Zola assistem-no em seus últimos momentos. Enquanto Curãturã arfava em gemidos, Zola consolava Aguará, ao afirmar que todos os urus tinham esse fim: “É como é! Chegou o minuto do Curãturã” (1959, p. 185-186). Durante o tempo em que aguarda sua morte, Zola teme as incertezas do seu destino sem Curãturã, pois sabe que ninguém irá querê-la por companheira.

Aguará, por sua vez, vivencia a morte de Curãturã como um alívio, pois estará livre para seguir seu destino. Não se sentia triste, pois “êsse era o fim dos urus. Um dia, mais adiante, êsse também seria o seu. Nem o velho nem êle quereriam outro fim.” Apiedava-se apenas de Zola, que estaria condenada à solidão, devido à idade e profissão. Ele sonha em casar-se, em trabalhar como foguista e, posteriormente, como *uru*. A morte de seu mestre tornava-o um homem. Esquecia, porém, que não teria um futuro diferente dos outros homens dos ervais e dos *urus* (1959, p. 185-186). Araguá, em sua oração fúnebre, lembra tudo o que sabia de bom a respeito do falecido: um Curãturã que cantava no serviço, que ensinava a trabalhar e que apreciava as coisas boas da vida (1959, p. 204).

Zola e Aguará, após as orações fúnebres, ou seja, após recordar tudo, vestem uma camisa limpa no falecido e atendem seu desejo, que era o de limpar suas orelhas para que pudesse ouvir o “demônio chamar o seu nome!” (1959, p. 205-206). Eles enterram Curãturã a sós, e ninguém da Mate Laranjeira lamenta sua morte. Devido à mudança da rancharia para outro lugar, não havia ninguém para velá-lo. O luto resumia-se à tristeza de Zola, que, como Aguará, aceitava sem dificuldades sua morte. Zola, sem proteção e envelhecida pela vida nos ervais, vê-se só e relegada ao seu próprio destino (1959, p. 73-76, 185). Ela estava ciente de quem ninguém a desejaria por companheira, mas tinha certeza de que não morreria só, devido à solidariedade dos mineiros, todos unidos pelo sofrimento, dor e morte.

A simplificação dos rituais funerários e a interdição aos vivos ao luto, ao choro, a tristeza e a comoção frente a morte dos outros devia-se as condições impostas pela Mate Laranjeira. A morte, por ser frequente, tornou-se *nada*. A região ervateira, distante do controle e da gerência da Igreja Católica e do Estado, secularizou os costumes fúnebres, as representações sobre a morte e o além-túmulo e os locais onde eram enterrados os corpos.

Em *Selva Trágica*, as personagens estavam impossibilitadas de mudarem o seu destino e deveriam resignar-se com a jornada de trabalho, com o sofrimento e com a morte. A Semana Santa constituía o único feriado anual; era vista como uma concessão divina aos ervateiros. Desse modo, Jesus permitia que os homens realizassem os desejos que haviam sido reprimidos durante o ano; por isso, não seriam condenados pelos

⁶ O *uru* é aquele que trabalha a erva-mate no *barbaquá*, que é um jirau de forma circular, emborcado sobre um buraco, utilizado para desidratar as folhas (1959, p. 237-238;

descaminhos cometidos naqueles dias. É de se observar que, na sexta-feira santa, era proibido trabalhar, pois o trabalho nesta época era considerado uma forma pecaminosa e, portanto, Deus não perdoaria e viria “abalar o mundo”. Durante a Semana Santa, por exemplo, os homens que não respeitavam o “Deus morto” atraíam os malefícios e não teriam a sua proteção no restante do ano (1959, p. 159).

Os mineiros acreditavam que Jesus, após morrer na cruz, ignoraria as ações dos homens até a sua ressurreição, e assim, redimiria os pecados da humanidade e todos poderiam, sem restrições, comemorar, divertir-se e descomprometer-se dos valores, das regras e das disciplinas. Criava-se um espaço-temporalidade de imprevisibilidade em que se apresentavam circunstâncias inesperadas, momentos de criatividade, aberturas para a instalação da novidade, por fim, para a extrapolação existencial. A lógica da festa tinha suas singularidades objetivas: era marcada pela contradição e pela resistência aos diferentes modos de racionalizações, que eram impostas aos mineiros. A Semana Santa significava para os trabalhadores a transgressão, a luta e a resistência frente à rígida disciplina imposta pela empresa Mate Laranjeira, que assim efetivava a exclusão social de seus trabalhadores.

Na via sacra dos ervais, Jesus era considerado um ser bom que teria morrido para redimir os pecados e a maldade da humanidade; por consequência, os mineiros culpavam-se pelos pecados que teriam condenado Jesus a morrer na cruz. Cientes de que seriam condenados no Juízo Final, os trabalhadores clamavam por piedade, pois se reconheciam como maus e pecadores; assim, suplicavam pelo perdão e pela piedade de Jesus Cristo, que viesse redimir a maldade dos homens.

Outros mineiros não se consideravam pecadores e nem responsáveis pelo sofrimento e pela morte de Jesus Cristo, pois esse ato era interpretado como uma decorrência dos pecados de outros homens (1959, p. 158). No domingo de Páscoa, acreditavam que Jesus, o “Bom Senhor”, poderia redimir todos os pecados, tanto individuais como os coletivos, já que estes teriam sido apagados pela sua dor, pelo sofrimento e pela morte. Assim, reconheciam o amor e compaixão de Jesus Cristo pela humanidade. Por fim, clamavam para que Jesus recebesse em seus braços todos os pecadores e que os salvassem; e a Deus para que perdoasse pelos descaminhos do mate (Ibid., p. 158).

Em algumas atividades especializadas, havia certos tabus. Entre elas, na do *uru*, que cuidava da torrefação das folhas de erva mate no *barbaquá*. A presença feminina poderia trazer maus encantos quando um uru estivesse trabalhando. Caso isso ocorresse, o uru deveria espargir o suor da fronte sobre a erva estalejante (1959, p. 128). Também seria de mau agouro falar de morte a um “uru” quando este estivesse no trabalho. Nesse caso, as pessoas presentes deveriam proteger-se e se benzer, cuspidando três vezes no meio dos pés, tendo juntado os calcanhares (1959, p.129). Após o cerimonial, todos recuperavam a tranquilidade, pois o equilíbrio fora restabelecido.

Enfim, a morte e os ritos funerários, como demonstramos, não eram uma cerimônia pública, não seguiam nenhum protocolo e nem tinham caráter dramático ou gestos de emoção excessivos. Essa simplicidade das sensibilidades diante da morte não implicavam um desamor frente ao ente querido, mas às condições impostas. Nas representações dos ervais mato-grossenses, a fluidez da Igreja Católica, do Estado e da Justiça permitiram que a Mate Laranjeira impusesse suas leis e relações de trabalho, descristianizando a sociedade e desumanizando os trabalhadores. Nesse olhar que privilegiava o trágico, as práticas religiosas receberam tons depreciativos a fim de assegurar o distanciamento cultural dos ervais mato-grossenses. No aspecto religioso, como resultado dos intercâmbios interculturais e interétnicos, entrecruzavam-se as tradições católicas e indígenas, aspecto que favoreceu as hibridações culturais e as reinvenções das tradições religiosas.

Selva Trágica retrata histórias de amor e sacrifícios por um lado e, por outro, a denúncia de uma tragédia desumana na fronteira do Brasil com o Paraguai. No conjunto, é uma obra triste, que espalha por todo o enredo sua poesia melancólica. A obra conduz rapidamente o leitor a um território ficcional seguro ao convocar o medo, emoções fortes e surpresas. O suspense e os mistérios da trama envolvem o leitor e absorvem sua atenção, o que exige senso de observação e inteligência. Isso ocorre devido à imaginação exuberante de Donato, ao seu excepcional domínio da linguagem e à sua capacidade ímpar de estimular o inconsciente e o olhar do leitor.

A obra termina com o fim do monopólio da Mate Laranjeira, quando Getúlio Vargas o teria extirpado. Porém, a empresa encontrou mecanismos para permanecer na atividade ervateira, embora aparecessem novas empresas. A fluidez do Estado permitiria a continuidade da exploração da mão-de-obra nos ervais. As regularidades sobrepujam-se às mudanças. A história trágica do oeste brasileiro não teria fim nesse

ato governamental, ou seja, a liberdade não chegou aos ervais. A Mate Laranjeira continuou atuando na região, protelou a implementação das medidas impostas pelo governo federal e conseguiu renovar seu contrato de arrendamento até a década de 1960.

Interessante, é, novamente, frisar-se a importância das leituras feitas nas obras literárias, quando expressam não só valores estéticos, mas registram alusões que se aproximam do acontecido, das formas de absorção de culturas e conhecimentos, difundindo, assim, a possibilidade de reflexões sobre uma história não oficial ou ficcionada, onde flui um imaginário edificado pela linguagem literária. Nesse sentido, é bom ressaltar que a expressividade conferida aos cenários e ao desempenho das personagens de *Selva Trágica* não pode levá-los a serem confundidos com os reais, pois caracteriza uma tentativa de realização de cunho ficcional, em que o escritor Hernâni Donato recriou e simbolizou, a partir de um *locus*, um tema de valor histórico.

Referências Bibliográficas

- ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BACILLA, Antônio. **O drama do mate**. Curitiba: Guaíra, 1940.
- BARRETT, Rafael. Lo que son los yerbales. In: BARRETT, Rafael. **Obras completas II: Lo que son los yerbales moralidades actuales ensayos y conferencias epifonemas**. Asunción: RP Ediciones/ICI, 1988. p. 5-22.
- DONATO, Hernâni. **Selva Trágica: A gesta ervateira no sulestematogrossense**. São Paulo: Autores Reunidos, 1959.
- ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Lisboa: Edições 70, 1986.